

Caravela Boa Esperança



A caravela latina, utilizada pelos Portugueses no descobrimento do Atlântico e também conhecida por caravela do Infante ou caravela dos Descobrimentos – embarcação que ainda hoje se encontra envolta em algum mistério –, foi, no entendimento de Rogério d’Oliveira, a verdadeira descobridora dos oceanos.

Na opinião de Alberto Iria, é no Algarve que o infante D. Henrique vem encontrar “as melhores embarcações para as suas empresas marítimas – as caravelas, as mais diferenciadas e veleiras, as mais leves e rápidas, em toda a costa lusitana”.

O historiador evidencia igualmente que “as caravelas, como navios típicos e exclusivos dos Descobrimentos na época do Infante D. Henrique, resultaram, logicamente, de uma deliberada e gradual melhoria, afinação e adaptação das primitivas embarcações de pesca do alto mar, com esse nome, de vela latina, aliás, de remota origem mourisca e já usadas, como embarcações características, no Algarve pré-henriquino – as chamadas caravelas pescareas ou caravelas de pescar, de que Lagos foi sempre o principal porto de armamento, nesse inicial ciclo da expansão portuguesa”.

Ainda segundo o autor, estas singulares embarcações teriam aparecido “no Algarve português da segunda metade do século XIII”, onde os homens de Afonso III viriam a encontrar “outros tipos locais de embarcações costeiras e oceânicas, diferentes das que traziam do Norte”, designadamente, nos portos de Tarf-ar-Rihâna ou Areif (Ponta da Arrifana), Xacraxe (Sagres), Halc Az-Závia ou Kezzaviat (Lagos), Albur (Alvor), Xalab, Xelba, Chelb ou Silb (Silves), Alvaferre (Albufeira), Ukusunuba ou Exubana (Ossónoba, Faro), Tabira (Tavira), Kastallat Darrag, Castalar ou Cástala (Cacela), Marsa Hasin (Castro Marim) e Alcuntixim (Alcoutim)”.

A arcaica caravela do Algarve português, que o infante aperfeiçoou e adaptou à sua causa descobridora, teria, pois, derivado do carib ou caravo, de vela triangular latina, do Algarve muçulmano. Não é menos verdade – afirma Jaime Cortesão – que só no século XV se afinou e caracterizou o tipo da caravela e aperfeiçoou a arte de bolina, sem a qual não seria possível aos caravelistas do infante realizar os seus descobrimentos em navios rápidos e de fácil manobra, com especial aptidão para navegarem cingidos ao vento e para reconhecerem as costas e as fozes dos rios, ao longo da costa africana.

“Antes, porém, de se iniciarem estes descobrimentos, (...) as caravelas algarvias marcavam, então, de forma bem diferenciada, o flagrante contraste com os barinéis

saídos dos estaleiros do Norte e do Centro litorâneo”. Com efeito, “o Infante foi já encontrar no Algarve, especialmente, a embarcação veleira que mais convinha à sua causa descobridora – a caravela, depois de aperfeiçoada, melhorada e adaptada”.

Mas “nada mais grato e aliciante poderia ser ao espírito prático de D. Henrique, do que encontrar no Algarve, como de facto ali encontrou, esses melhores navios e essa melhor e experimentada gente para os saber tripular e marear”, de que Gomes Eanes de Zurara já então dava conta:

“O Algarve jaz todo na costa do mar ouçiano [e] a mayor parte de sua seruentia he em nauios – as carauellas do Algarve. [Os moradores do Algarve], pela mayor parte sam homens audaces, e fortes especialmente sobre mar. [E os moradores de Lagos], comunalmente sam homees honrosos, e que se trabalham de seer em boas cousas, especialmente em pellejas de mar, porque a sua villa jaz muyto acerca da costa”.

Alberto Iria aponta a “deliberada e intencional escolha do Algarve, para região eleita do Infante, e em especial a vila de Lagos, para centro da sua acção expansionista. (...) Se Lagos foi, assim, o principal porto de armamento dessa actividade descobridora, Sagres, a já hoje indiscutível Vila do Infante, foi a inspiração, o sonho e o cérebro de toda a genial empresa do Príncipe D. Henrique”.

O historiador sustenta mesmo a tese de que “as caravelas do Algarve, em especial as caravelas de Lagos, (...) foram as que, ao menos neste ciclo inicial dos Descobrimentos, mais contribuíram, talvez, para a epopeia descobridora do Infante”.

A CARAVELA “BOA ESPERANÇA”

A “Boa Esperança” é uma réplica tão aproximada quanto possível duma dessas caravelas dos Descobrimentos, criada por especialistas de construção naval em madeira, de acordo com o que se sabe das regras da construção naval daquele tempo, mas tendo em atenção os modernos requisitos de segurança e conforto.

A caravela “Boa Esperança” ostenta nas suas velas latinas o símbolo da Cruz de Cristo, em honra à Ordem de Cristo, da qual o infante D. Henrique foi regedor e governador, e que teve a sua primeira sede na vila algarvia de Castro Marim. No mastro principal, a “Boa Esperança” levará sempre as armas do Infante de Sagres.

Inicialmente construída para a Associação Portuguesa de Treino de Vela (APORVELA) e tendo sido lançada à água a 28 de Abril de 1990, ano em que iniciou as suas viagens oceânicas, a caravela “Boa Esperança” destinava-se a possibilitar treino de mar e vela sobretudo a jovens, a participar em provas e outros eventos náuticos e à investigação do comportamento e manobra das antigas caravelas.

Desde então, já percorreu cerca de 75 000 milhas em visitas aos portos do Norte da Europa e do Mediterrâneo. Em 1992, presidiu à realização da Grande Regata do Atlântico Norte, comemorativa do 5.º Centenário do descobrimento da América por Cristóvão Colombo.

Participou nas grandes regatas de veleiros da “Cutty Sark Tall Ships’ Races – Lisbon Sail 1992”, “Prince Henry Memorial – Porto 1994” e “Vasco da Gama Memorial 1998”

e recebeu um programa regular de visitas escolares, envolvendo milhares de jovens, em colaboração com a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos.

Associou-se ainda à escala em Portugal da regata “Course de l’Europe” e à escala em Vilamoura, no Algarve, da regata “The Times Clipper 2000 Around The World Race”. Posteriormente, assumiu inegável protagonismo no “Festival do Mar 2000” e nas celebrações da “Passagem de Milénio”, eventos da Região de Turismo do Algarve.

Em 2002, a caravela deslocou-se a Londres no âmbito das comemorações dos Descobrimentos e do Dia de Portugal (10 de Junho), integrando simultaneamente as Comemorações do Jubileu de Sua Majestade a Rainha Elisabeth II. No final desse ano, e no contexto das comemorações do aniversário da morte do infante D. Henrique, a “Boa Esperança” realizou uma viagem a Ceuta que contou com o apoio do historiador Professor José Hermano Saraiva, que reviveu o início da expansão portuguesa e a tomada desta praça do Norte de África em 1415 por uma armada capitaneada pelo infante.

Já em 2004, a caravela percorreu perto de 2000 milhas náuticas, em cerca de duas dezenas e meia de viagens. Nas visitas ao Cais da Ribeira, no Porto, e mais recentemente ao Cais das Delícias, em Sevilha, rapidamente se tornou no centro das atenções destas acções de promoção do Algarve.

A participação em eventos de animação na região tem igualmente atraído a visita de figuras ilustres, entre o muito público em geral. Foram os casos do “Euro 2004”, da “Regata dos Portos dos Descobrimentos” – que ligou Lagos a Palos de la Frontera – e do “Festival dos Descobrimentos” de Lagos.

Em 2005, a “Boa Esperança” gastou mais de 430 horas a percorrer cerca de 2600 milhas náuticas, em número de viagens semelhante ao do ano anterior. A cidade francesa de Saint-Tropez fez, então, parte do itinerário da caravela. Nesse mesmo ano, a tripulação teve a honra de navegar à vela em homenagem ao Presidente da República, aquando de uma visita à Fortaleza de Sagres. O fim de ano ficou marcado por uma reconstituição histórica em Portimão, por ocasião da passagem pelo Algarve do lendário rali “Dakar”.

As duas mil milhas náuticas voltam a ser ultrapassadas em 2006, ano em que a caravela rumou à Madeira. A viagem foi antecedida por uma encenação histórica que recriou a despedida do infante D. Henrique no início da jornada que permitiu a descoberta daquela ilha pelos navegadores Tristão Vaz Teixeira e João Gonçalves Zarco. Ceuta, de novo, e Gibraltar foram outros destinos onde deixou a sua inconfundível marca.

O sonho de um grupo de jovens expedicionários portugueses e espanhóis que realizaram a «Rota Ibérica» cumpriu-se em 2007 a bordo da «Boa Esperança», numa animada viagem a Sevilha. Num ano em que percorreu perto de mil milhas náuticas em 35 viagens, a caravela associou-se, assim, às comemorações dos descobrimentos geográficos e cartográficos de navegadores de há cinco séculos.

No primeiro semestre de 2008, e mais de duas mil milhas náuticas depois, a caravela «Boa Esperança» não passou despercebida na estância francesa de Cannes, onde representou o Algarve no maior festival de cinema do mundo.

Ao serviço do Algarve, a “Boa Esperança” tem proporcionado visitas guiadas a bordo a grupos de turistas nacionais e estrangeiros, visitas de estudo a grupos escolares, visitas de imprensa, filmagens documentais e estreitadas relações com as Comunidades Portuguesas no exterior, sempre com a distribuição de materiais informativos sobre a época dos Descobrimentos.

Ancorada na Marina de Lagos, desde 16 de Junho de 2001, a caravela “Boa Esperança” projecta a cultura e a história algarvia no mundo, assumindo o papel de relevo desempenhado pela região nos Descobrimentos Portugueses.

Texto retirado do site:

http://www.turismodoalgarve.pt/Sites_Entidades/RTA08/vPT/Caravela+Boa+Esperan%C3%A7a.htm